



# TRIBUNA Livre

2  
FEVEREIRO  
1957

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITH: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRETOR: ANTONIO JOSE DA COSTA

REDACTORA: JOAQUINA BARBOSA DE MACEDO

PROPRIEDADE: IRMÃS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR TEL. 62113 - AMARES

## TOPONÍMIA LOCAL

Não obstante ser tratado particularmente para cada caso o que toca a este assunto, e pouco pode desenvolver-se sem risco de declinar em erro ou entrar no campo das hipóteses e das presunções, porquanto temos de aceitar a grande maioria dos termos tal qual se apresentam, dada a frequência com que podem encontrar-se mencionados em antiquíssimos documentos

até os nomes dos mais insignificantes lugares e povoados, aproveita-se apenas o ensejo para explanar pouco mais que uma curiosa polémica que certo autor travava consigo mesmo porque razão eram conhecidas por *Caldas de Rendufe* as termas de Caldelas.

Alargou-se no plano das conjecturas e das sugestões; foi buscar Plínio e Ptolomeu com os quais discutiu e de-

duziu as suas ilações, relacionando por fim com as ditas fontes ou nascentes termas uns *oculi*—(olhos de água) que trabalhosamente logrou descobrir por estes sítios; e lá do seu gabinete de trabalho, armado em observatório longínquo, pode exclaimar como o matemático grego—eureka!

Pois enganou-se redondamente e vem isto a jeito de que para se acertar no estudo e verdadeira razão de ser da maior parte dos toponímicos, é quase essencial conhecer de antemão a topografia.

Esses *oculi* dos romanos, e era impagável este povo, são os que mais tarde, já no latim da decadência, nos aparecem designadamente por *ollarios*—(olheiros de água)

(Continua na 4.ª página)

## MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

• • •

Gonçalo Vasques Coutinho, que veio a ser Marechal do reino, e fôra o companheiro inseparável de Rui Mendes de Vasconcelos em tantos combates, fazia tal só por ele, que mais não poderia chorá-lo, se fôsse irmão ou filho.

Seu corpo foi trazido honradamente a Portugal, a receber sepultura na terra que tanto estremecera.

Apesar de ter dito a Mem Rodrigues de Vasconcelos que, a deixar um dia o Mestrado de Avis, muito lhe aprazia que o houvesse, D. João I resolveu conservá-lo em sua pessoa, mas apressou-se a dar-lhe outro de maior honra e valia que foi o de S. Tiago, em que o Papa o confirmou.

Nesta qualidade, acompanhou o Condestável nas estradas que por sua conta fez em terras de Castela, por Vilalva e Cafra a Badajóz, até que se assentou nas tréguas e paz por dez anos.

João Mendes Vasconcelos foi, com outros cavaleiros, dado por Portugal como garantia de cidades, vilas povoações e prisioneiros, que reciprocamente haviam de trocar-se entre os dois reinos.

Em Torres-Vedras D. João I toma conselho dos principais senhores, seus fidalgos, à cerca das vantagens e êxito da gloriosa jornada de Ceuta.

Estava entre eles Mem Rodrigues, Mestre de S. Tiago; o sobedito João Mendes de Vasconcelos, seu irmão, é um dos heróicos capitais dessa expedição que abriu o portal luminoso das Conquistas em África.

Casou este brioso cavaleiro com D. Leonor Pereira, irmã do Condestável.

Tinha D. João I um filho e uma filha naturais, D. Afonso e D. Beatriz, nascidos muito antes do seu casamento com D. Filipa de Lencastre.

Havia prometido a filha em casamento a Mem Rodrigues; mas, depois da batalha de Aljubarrota, dispôs-se a casá-la com o conde de Arundel, desculpando-se que convinha grangear a amizade do inglês; propondo-lhe antes o casamento com a filha do Condestável que era o maior partido de Portugal ou então dar-lhe-ia o Mestrado de S. Tiago, como efectivamente deu.

(Continua na 6.ª página)

## Factos e Comentários

Eu vou repetir aquilo muitas vezes dito:—“O homem é um animal político. É-o não à dúvida. É-o por idealismo, raramente, e, muitas vezes, por interesse. Estes sujam-se na lama da política e saem de lá irreconhecíveis. Os idealistas não servem a política. Servem, sim, a Pátria. Não há nódoa que se lhe pegue. Entram limpos e limpos saem. Trazem a consciência tranquila, certos do dever cumprido. Assim, agigantam-se na posteridade. Servem de modelos a novos idealistas. São o estímulo para uma melhor perfeição do dever, indistintamente da facção a que tenham pertencido. Ao analisarmos a sua vida depara-se-nos um exemplo.

Cito um nome. Não comungo no mesmo ideal. Mas ele está tão patrioticamente ligado à Nação que, ante a sua grandeza, a minha inteligência curva-se. O Doutor Augusto Soares. O seu comportamento

na política, o tratamento para com o seu semelhante, a sua vida privada, fizeram dele um carácter “dantes quebrar que torcer”, uma personalidade a que nada, absolutamente nada falta. Da sua família outros políticos ilustres saíram. O dr. Domingos Soares e o dr. Artur Soares a quem a edilidade bracarense já prestou homenagem. Deu os seus nomes a duas artérias da cidade.

Assisti ao funeral do Dr. Augusto Soares. Assisti, por nessa altura, já o admirar muito. Depois a História mais mo fêz admirar. Vi as condecorações que lhe foram conferidas. A mais alta condecoração Portuguesa. A Torre e Espada, lá estava. Atestava que o homem, o eminente político havia servido distintamente, a Pátria. Mais condecorações Nacionais se juntavam. Eram a gratidão da Mãe. O prémio dado pela Mãe Pátria ao filho dilecto. Mas mais, muito mais... Além fronteiras, o Dr. Augusto Soares creditou-se, também como sério político, como homem de Estado. E o Governo Espanhol de então condecorou-o. Viveu com simplicidade. Foi a enterrar com simplicidade. Nada de faustos. Nada de elogios funebres. O seu elogio, o mais elequente elogio dão-no-lo os seus Feitos.

V. Ferreira

O nosso jornal, ao Domingo, é vendido na Pensão Central a Petisqueira.

## Decorreu com interesse a Assembleia da Associação dos Bombeiros V. de Amares

No passado domingo, dia 27 realizou-se, como estava anunciada, a Assembleia Geral da Associação dos Bombeiros V. de Amares para apresentação das contas e nomeação de corpos gerentes para o ano corrente.

Compareceram número razoável de associados e presidiu ao acto o sr. dr. Manuel Arantes Rodrigues, em representação do sr. arcipreste Padre José Joaquim da Costa Azevedo, a quem o estado de saúde não permitiu que comparecesse.

O sr. dr. Arantes Rodrigues, também na qualidade de presidente da direcção cessante, prestou esclarecimentos à Assembleia e o sr. António Joaquim Vieira, secretário, descreveu o movimento financeiro que apresenta um saldo de 3.200\$00, sendo as contas aprovadas por unanimidade

O associado sr. João Barbosa de Macedo referiu-se aos altos serviços prestados à Associação pelo sr. arcipreste Padre José Joaquim da Costa Azevedo e propõe que o mesmo fosse eleito presidente honorário da bene-

mérita Instituição.

O sr. Paulo Barbosa de Macedo disse que a direcção deixa uma obra de utilidade e valor que é o pronto socorro que comprou e que custou à volta de 110 contos.

O sr. Artur da Cunha Cruz, bombeiro de 1.ª classe, há pouco irradiado do corpo activo, leu uma extensa exposição, dizendo-se inocente das culpas que lhe foram atribuídas e dando conhecimento à Assembleia que o sr. comandante, novamente solicitara os seus serviços, ao que ele acedeu, no entanto tal situação se não poderia manter em virtude de estar a servir sem seguro e se manter a irradiação.

Seguidamente procedeu-se à eleição dos novos corpos gerentes, ficando o sr. Arcipreste Padre José Joaquim da Costa Azevedo como presidente honorário da Assembleia Geral, e os restantes da seguinte maneira:

### Assembleia Geral

Presidente—Dr. Manuel Arantes Rodrigues.

Vogais—António Joaquim

Vieira e Álvaro de Araújo Gomes.

### Direcção:

Presidente—Paulo Barbosa de Macedo.

Vice-Presidente Domingos Rodrigues.

Tesoureiro—José Manuel de Macedo.

Secretário—Francisco Calheiros de Abreu.

2.º Secretário—António Geraldino dos Santos Meneses.

A eleição foi recebida com a maior satisfação por todos os presentes que testemunharam ao novo elenco directivo o seu apoio.

O sr. dr. Arantes Rodrigues marcou o próximo domingo, dia 3 da Fevereiro, pelas 11 horas, para a posse dos membros da Assembleia Geral e da Direcção agora eleitos.

# TRIBUNA DA MULHER E DO LAR

## Recordações da aldeia

(Conto)

A aldeia estava envolvida numa sonolência branda. Aos meus pés um esperto riachozinho, corria azougado pelo sulco da rega, indo lançar-se mais além no Rio Velho, quase pela longa estiagem.

Era a hora de entardecer. Uma paz infinita descia sobre os campos dando-me uma sensação de tranquilidade como há muito não experimentava; mas caso estranho, essa doce voluptuosidade não era isenta duma amargura interior, duma ânsia maior de qualquer coisa que pressentia inatingível. O crepúsculo ia tombando lentamente; já se não distinguiam bem os contornos da aldeia envolvida na fumarada cinzenta dos lares; ao longe, do outro lado, os clarões rubros do Sol agonizante tingiam de vermelho as formas esguias das serras.

Subi aos poucos o monte, maravilhado pelo encanto sempre amigo duma paisagem que conhecia desde há muito. Ao cimo escarpado, que o povo chama «Penhas da Mulher», admirei o astro magnífico a esconder-se além do mar, quase tão longe como os meus sonhos e os meus desejos.

Ao outro lado a aldeia, resguardada no sopé da colina, vinha espriar-se até à várzea onde corria tranqüilo o ribeiro ladeado de denso salgueiral, à direita erguiam-se altivas serranias, onde de quando em quando, se alvejavam capelinhas... aqui o S. Domingos da Serra, além o S. Vicente da Loureda, mais além, sempre mais além o S. António dos namorados onde as moças da aldeia iam descalças, trilhando léguas e léguas pelo monte pedir a graça dum marido rico ao Santo casamenteiro.

E tantas outras! Há quanto tempo não as contemplava, enamorado duma civilização que dizem de luzes mas que nunca me deu um prazer como o que senti nesse momento.

Na minha frente, como num ércam prodigioso, vão surgindo recordações... sempre gratas.

Foi aqui, debaixo deste rochedo, estranhamente configurado com uma mulher, que senti os primeiros encantos dum amor inocente, amor como agora já não sentiria!

Foi acolá em baixo, junto ao Ribeiro, que lhe disse adeus! Parece-me ainda vê-la, com as longas tranças a emoldurar-lhe o rosto moreno e gentil, com as mãos nas minhas, a olhar-me tão triste que eu desvairado, mordendo os lábios para não gritar, corri pelos campos fora até onde pu-

desse tombar e desoprimir o peito que pendia para a terra.

Tinha eu dezasseis anos!

\* \* \*

Era quase noite. Uma neblina cobria o vale tapando dos meus olhos a aldeia; desci o monte e pouco depois atravessava as velhas traves sobre o rio, já carcomidas e que todos os anos eram levadas pela cheia. Tudo servia para me avivarem as recordações de filho pródigo.

A saída da pontezita estava uma moça d' aldeia... e que gentil ela era! Não sei porquê as minhas memórias desapareceram, como por magia, e senti uma vontade enorme de conversar com ela. Não me podendo conter, perguntei-lhe:

—Ouve, bonita, este é o caminho prá aldeia?

—E' sim Snr. Doutor—confirmou ela, com uma voz que

## Conselhos de beleza A COR DO ROSTO

Acredita-se geralmente que a cor e o tecido da pele podem ser corrigidos por processos exteriores e isto é, em grande parte, uma crença errónea.

A cor, seja como for, depende sempre do estado de saúde, da constituição e temperamento, e assim torna-se bem claro que devemos antes lançar mão da higiene, que de cosméticos, para atenuar os defeitos da cor.

O rosto demasiado vermelho é indício certo de estado platónico.

As pessoas que tem o rosto dessa cor, e, até às vezes, o branco dos olhos rajado dessa cor, são em geral pessoas que comem muito e inimigas de exercícios que se fatiguem.

Para atenuar este estado deve refrear-se o apetite, preferir alimentação menos succulenta e fatigar o corpo com exercícios que diminuam o excesso de riqueza sanguínea.

Quando a cor do rosto é descorada, de um tom demasiado branco, verde ou amarelado, anuncia sempre mau estado de saúde. Quase sempre é indício de dispepsias, pobreza de sangue ou estravesamento de bilis. Há cores azeitonadas, que nem sempre indicam mau estado de saúde. São hereditárias.

A higiene pode, às vezes, bastar para combater certos sintomas.

O rosto deve sempre acautelar-se contra o calor artificial demasiado forte.

me sou conhecida de há muito.

—Como diabo te lembras de mim se saí há tanto tempo d'aldeia.

—É melhor acreditar que sou burxa, Snr Dr..! Não me pergunte mais nada, que não lhe poderia responder.

A voz dela pareceu-me triste. Também eu tinha uma ideia muito vaga de a ter conhecido. Mas tudo já tão distante...!

Oh! Faça-se luz! Recordo-me... é ela. Ela...

—Lina, tu... Há quanto tempo...

—Sim, eu, Sr. Doutor! Não diga mais nada, por amor de Deus; não posso ouvi-lo...— disse ela, com a voz entrecortada e o peito a arfar.

—Lina, já não gostas de mim?

—Se não gosto de si...! Deixe-me, não lhe chega o que me atormentou? Se não gosto de si...! Mas... nem sequer uma esperança! Que lhe importa uma pobre rapariga d'aldeia?

—Não, Lina, se nunca mais te vi, não fui culpado! A cidade prendeu-me... mas... quantas vezes não me apareceram os teus olhos negros nos meus sonhos!

Quantas vezes, não me surgiu a tua imagem, curvada para mim a dizer-me—«Quer-te!»

Ela ficou calada. De repente, correu para mim, como enlouquecida, lançou-me os braços ao pescoço, cingiu-me ao seu corpo palpitante e... beijou-me longamente.

Depois... a voz dela soou, entrecortada de soluços:

—Nunca mais!

E fugiu pelos campos.

\* \* \*

No outro dia parti para a cidade!

Braga, Janeiro de 1957

Manuel Bastos

## Conselhos às mães

Se uma criança se queimar, e por uma queimadura extensa, não aplique unguentos ou pomadas antes de consultar o médico. A parte atingida não deve ficar exposta ao ar. Conserva-se a criança bem coberta e agasalhada.

Se as vestes de uma criança se incendiaram, abafe as chamas envolvendo logo a criança num cobertor ou manta. Apaga muito melhor de que água.

No caso de queimaduras ligeiras a superfície afectada poderá ser coberta com uma pasta de bicarbonato de sódio diluído em água, a fim de evitar contacto com o ar e proporcionar alívio à dor, enquanto o médico não chega.

## Regras de Etiqueta

### Cartões de visita e SEU USO

O Cartão de visita gravado em relêvo é o mais elegante. Além do nome completo deverá ter a profissão em tipo mais pequeno, a morada completa e o número do telefone.

As meninas, a menos que exerçam uma profissão, não indicam a morada.

O cartão de visita quando enviado pelo correio deve ir dentro de um sobrescrito do mesmo formato. É mais delicado enviá-lo fechado se levar qualquer coisa escrita à mão.

Enviam-se cartões às pessoas amigas pelo Ano Novo. É uma prova particular de simpatia e não um simples gesto de delicadeza.

O pai do recém-nascido pode participar o nascimento por meio de um cartão com o nome dos dois esposos.

Querendo felicitar um amigo por ocasião de uma promoção, ou de qualquer coisa idêntica, escreva um cartão com os seguintes dizeres:

«Votos de felicidades» ou «Afectuosas felicitações».

Emprega-se também o cartão para agradecer qualquer presente recebido.

Quando morre alguém conhecido, mas de pouca intimidade, usa-se o cartão para dar os pêsamos à família dorida.

Quando se muda de residência envia-se a todos os amigos um cartão com a nova morada sublinhada.

Quando se faz uma visita e não se encontra ninguém, deixa-se um cartão dobrado, debaixo da porta. O cartão dobrado, deixado à criada, substitui a visita.

Deixa-se o cartão quando se procura saber notícias de um doente.

Continua a usar-se o hábito de dobrar o cartão.

## O que convém fazer este mês Geleia de laranja

Toma-se uma dúzia de boas laranjas, tipo Setubal, de casca fina e bem lisa, pesando em média, 150 grs. cada; espreme-se o suco e passa-se pelo espremedor, devendo dar 7 a 8 dicilitros de sumo.

Junta-se por cada 7 dicilitros de sumo de laranja, 3 dicilitros e meio de sumo de maçã reineta e 850 grs. de açúcar pilé por cada litro dos dois sumos reunidos.

Põe-se ao lume, espumando com cuidado até à primeira fervura, pondo-se de lado em lume brando até chegar ao ponto de 32 graus do pesa-xaropes. É hábito juntar para a quantidade indicada, 10 gramas de casca de laranja cortada fina e deixando ferver um minuto. Algumas gotas de carmin vegetal dão uma bela cor alaranjada.

O sumo das maçãs reinetas prepara-se cozendo muito as maçãs e passando-as pelo passador.

## Bolinhos de bacalhau

Demolha-se e coze-se uma posta de bacalhau, é necessário que seja do melhor. Depois de cozido, esmaga-se e mete-se num saco ou pano e bate-se com um maço até que o bacalhau fique completamente desfeito isto é: em fios.

Coze-se uma porção de batatas, passam-se pelo passador e juntam-se ao bacalhau. A porção de batatas deve ser, aproximadamente, a mesma que a do bacalhau.

Bate-se à parte, um ovo a que se mistura uma colher das de sopa, de água e junta-se ao bacalhau. Mexe-se bem. Deita-se outro ovo, igualmente com água e batido na mesma, até ficar lisa como um creme.

Sendo muita a porção de bacalhau e batata é natural que leve outro ovo, mas sempre com água, pois é o que faz com que os bolos fiquem leves.

Fritam-se em azeite fervente e são deliciosos porque ficam muitos fofos.

## ALFAIATARIA LONDON

Largo Dr. Oliveira Salazar

FEIRA NOVA

E

## ALFAIATARIA CENTRAL

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

DE

## AMÉRICO RAÚL PEREIRA

Confecção de fatos para Homem, Senhora, Criança e eclesiásticos.

Pelos melhores figurinos nacionais e estrangeiros.

Pessoal devidamente especializado

Instalada no 1.º andar do prédio onde está instalado o Grémio da Lavoura de Amares

TELEFONE 62120

# TRIBUNA do CONCELHO

## O que há sobre as instalações sonoras do F. C. de Amares

Sabem os leitores deste jornal, que no seu número de 12 de Janeiro findo, foi publicado um aviso a comunicar que em 14 reunia a Assembleia para autorizar a venda das instalações sonoras.

Estas instalações eram usufruídas pelos seus crédores que, segundo o estipulado, nelas mandariam até serem reembolsados das suas quantias. Mas a sua administração era, efectivamente, desempenhada somente pelo sr. António Dias Paredes.

Foi este senhor que propôs a reunião aparecendo algumas pessoas a diligenciar no sentido de se evitar a venda para que a terra e o grupo não perdessem aquilo que tanto custara a sustentar.

Na reunião, perante a satisfação de todos, aparecera quem se compromete-se a administrar as instalações, que, segundo ali foi dito, deviam cerca de 9.700\$00, isto é, quase tanto como quando o seu gerente as recebeu.

Combinada a transferência que a todos agradava menos a quem tinha de suportar o encargo e o trabalho, nos quatro dias seguintes o sr. Paredes apareceu a dificultar as coisas e, ao quinto declarou mesmo que as não entregaria.

Horas depois arrependia-se da decisão e resolvia fazer a sua entrega. Entretanto, nestes cinco dias, o deficit subia a 10.156\$00. A nova comissão animada pela intenção de tudo resolver satisfatoriamente pagou aqueles encargos assim distribuídos: Alvaro Gomes da Costa, sete mil escudos; José Gil de Macedo, mil escudos; Mário Dias, cento e cinquenta escudos; Virgílio Menezes, mil e trezentos e vinte escudos; António Luiz da Cunha, mil escudos e António Dias Paredes, quinhentos escudos. A estas quantias tem de subtrair-se a importância de 814\$00, saldo dos últimos 3 meses e acham-se os 10.156\$00 que é actual dívida.

Interessa conhecer alguns dados da gerência dos últimos 3 meses. A receita foi de 4.537\$50 e a despesa 3.723\$50 com o dito saldo de 814\$00. Fizeram-se 11 festas 9 das quais com transporte que nunca foi mais longe do que Caldelas. Nesse transporte era usado o carro do falado gerente que como não podia levar frete metia gasolina. Acontece que nessas 9 festas foram gastos cerca de 650\$00 só em gasolina, mais do que levaria um carro de praça.

Numa festa de 450\$00 a despesa era de uns 400\$00. A grande maioria dos discos estão inutilizados, faltam 30 metros de fio, 2 fichas trifásicas, 6 lampadas, 1 lata, 2 suportes de tomada de que se desconhece o paradeiro e um gira-discos está em Braga como penhor de 10 discos.

No preciso momento em que a comissão saía da casa do Paredes de lhe pagar o seu crédito, recebendo a garantia que aliás era de todos nesta terra, de não comprar novas instalações, este dizia a alguém que já tinha entregue na Câmara o pedido de registo de novas instalações.

Pertence à terra mostrar aos novos proprietários de instalações que a sua afronta os prejudicará.

Não demorará muito que o compreendam.

## A Capela da Senhora da Paz

Pensa-se na construção de uma capela, no Monte da Santinha, desta vila de Amares.

Como a maior parte do nosso povo conhece, essa capela chegou a ter, em tempos, o seu início. A sua conclusão quedou por motivos imprevistos. Dizem até — que foi devido ao falecimento da pessoa generosa que levava a termo essa grande e memorável obra.

Ora, como se costuma dizer «morrendo um soldado não acaba a guerra», bom seria — e com muito agrado anciamos por isso — que essa capelinha fôsse concluída.

Para já, encontramos com gente para isso. Ho-

mens realizadores, prometem chegar ao fim desta empresa.

Bom seria, também, que os reconhecedores desta necessidade esperassem de braços abertos a briosa comissão que em breve percorrerá parte do nosso concelho e, como factor principal, contribuir generosamente para a angariação de fundos que permita a sua efectivação. Olhando à sua situação, escusado será dizer que se nos apresenta à altura do lugar e do seu nome.

Com esta iniciativa, que só merece louvores e apelos, viamos realizado o sonho que nos domina, a atestar o renascimento dum progresso que desde tempos submeteu ao abismo as possibilidades do nosso meio.

## Inspecções militares neste concelho

Para o corrente ano de 1957, o concelho de Amares apresenta para as inspecções militares, um total de 174 mancebos assim distribuídos pelas seguintes freguesias:

Amares-5; Barreiros-6; Beiteiros-6; Bouro (Santa Maria)-21; Bouro (Santa Marta)-3; Caldelas-10; Caires-14; Carrazedo-8; Dornelas-7; Ferreiros-17; Figueiredo-9; Fiscal-7; Goães-8; Lago-15; Paredes Secas-1; Prozel-9; Paranhos-3; Portela-4; Rendufe-7; Sequeiros-3; Seramil-4; S. Vicente do Bico-3 e Torre-4.

Como curiosidade verifica-se que só a freguesia de Vilela não apresenta nenhum mancebo, enquanto que as de Bouro (Santa Maria) e Ferreiros, tal como acontecera no ano passado, dispõem do maior número.

Estas inspecções, como sempre, terão lugar nos Paços do Concelho desta Vila, no mês de Agosto do corrente ano.

A. A.

## Os bancos do Largo D. Gualdim Pais

Após a construção dos passeios deste Largo, os bancos ficaram na sua totalidade, fora do nível dos mesmos passeios.

Esta demarcação, que que assim não podia permanecer, está a sofrer a sua transformação. Assim, os bancos foram retirados e, agora, estão a ficar à altura que lhes é devida.

Obra singela mas de certa importância é também prometedor de que em breves dias aqueles se encontrarão no plano que lhes pertence.

## Amares

Por se terem envolvido em desordem, no dia 20 do corrente, agredindo-se mutuamente, foram enviados a juízo, Adelino Vieira e sua mulher Maria Josefa Peixoto, moradores no lugar de Passos, desta vila.

O Adelino sofreu ferimentos na testa e num braço.

## Nova alfaiataria

Acaba de ser instalada, no Largo D. Gualdim Pais, desta vila, nova alfaiataria sob a direcção artística do Senhor Américo Raul Pereira.

Com pessoal especializado na confecção de fatos para homens, Senhoras, Crianças e Eclesiásticos, esta casa promete satisfazer aos seus estimados clientes.

Com a designação de «Central» esta alfaiataria funciona no 1.º andar do Edifício do Grémio da Lavoura,

## Mendicidade fraudulenta

Também por mendigar com o emprego de artifício fraudulento, ou seja, por pedir para o pagamento de uma multa no Tribunal, de 40\$00 e fazer constar da lista a quantia de 600\$00 e bem assim continuar esse peditório mesmo depois de paga aquela multa, foi enviado a Juízo, por intermédio da G.N.R. Adelino Vieira, casado, mineiro, de Passos-Amares.

## Mictório do Largo D. Gualdim Pais

Decorre com grande ritmo a construção do Mictório no Largo D. Gualdim Pais, com efectivação na rectaguarda (parte esquerda) do Edifício dos Paços do Concelho.

Sob a orientação do construtor civil senhor João Aparício de Oliveira, esta obra indica encontrar-se pronta em breves dias.

Indubitavelmente, esta obra é merecedora da nossa atenção, porquanto, não só o meio a merecia como tambem a sua necessidade se fazia sentir.

## Vida elegante

### Aniversários

No dia 4 de Fevereiro, faz anos O Sr. José Maria Rodrigues Vieira, de Amares.

Amanhã—O Snr. Domingos Fernandes e o Snr. Manuel Tomé Gonçalves.

Quinta-feira A gentil menina Fernanda Celina Gonçalves.

Sexta-feira—A Snra. D. Isilda da Costa Dias e o Snr. Felisberto A. Barbosa de Macedo.

Sábado—O Snr. Joaquim Barbosa de Macedo.

### Noticias pessoais

Embarca, no próximo dia 4 do corrente, para o Rio de Janeiro, no navio «Corrientes» o nosso estimado assinante Snr. Guilherme Rodrigues Saraiva, da freguesia de Goães, deste concelho.

Desejamos-lhe boa viagem.

## Movimento Judicial Inventários Orfanológicos

Distribuídos em 25 de Janeiro:

Por óbito de Joaquina de Jesus Macedo, solteira, que foi do Monte-Carrazedo;

Por óbito de Josefa Rita da Silva, que foi da Malheira, Bico.

## Julgamentos Acções sumaríssimas

Em 21 do corrente, foi julgada a acção sumaríssima in-

tentada por Severino Gonçalves, casado, do Largo D. Gualdim Pais—desta vila, contra José Maria Fernandes e mulher, de Dornelas. Julgada procedente e provada, foram os réus condenados no pedido e demais encargos.

Em 23 do corrente, foi julgada a intentada por Maria da Conceição Pereira a «A Pacota», do lugar da Abadia-Bouro, contra Albertina Maria Antunes Martins e marido, de Paradelas de Frades-Bouro. Julgada improcedente e não provada, como não havia deixar de ser, foi a autora «Pacota» condenada nas custas e demais despesas.

## Em colectivo:

No dia 22 do corrente, respondeu em Tribunal Colectivo a que presidiu o M.mo Corregedor Senhor Doutor Azevedo Soares, José da Cunha «O Zé Chino», solteiro, carpinteiro, de Figueiredo.

Acusado de ofensas corporais na pessoa de sua mãe Olivia da Silva, não se provou que essa agressão fosse propositada, pelo que o tribunal o absolveu deste crime.

Como era acusado doutra agressão praticada no irmão que foi provada, o tribunal condenou, tendo saído em liberdade por lhe ter sido levada em conta a prisão preventiva sofrida.

## HUMORISMO

### Numa loja de oculista

—Ponha estes óculos e leia aquele mapa.

—Não posso.

—Então leia com estes.

—Ainda não? Então experimente se lê com estes.

—Não posso.

—É curioso! Ora afirme-se bem e veja se lê.

—Não posso. Eu não sei ler...

### Opinião

—Qual a sua opinião sobre o teatro em geral.

—Isso para mim é coisa difícil de responder, porque eu nunca vou ao teatro em «geral». Assisto aos espectáculos sempre de camarote.

### Ares dos campos

A dona da casa.

—Maria, vossemecê era capaz de servir o jantar hoje no jardim?

A criada nova (vinda do campo):

—Era sim, minha senhora, e até gostava muito. Faz-me lembrar o tempo em que ia dar de comer aos porcos no curral!

# TOPONÍMIA LOCAL

(Continuação da 1.ª página).

(Testamento de D. Flámulas (960) . . . *et inde ad fonte cana et fere in illo vallo inter ollarios et pontanello . . . e daqui a Fontecovas (Lago), e quase àquela baixa entre Olheiros e Pontezinhas (Rendufe) . . .*)

Notável o espírito de observação do povo romano, que longamente por aqui estadiou e colheu das condições e acidentes topográficos a natural e mais própria razão de ser dos topónimos que geralmente se lhes podem atribuir, a estrutura das terras fundas deste concelho, a contrastar com a das altitudes serranas de que igualmente se compõe, como que representam por esses termos que se mantiveram na memória de sucessivas gerações, os vestígios que ainda se verificam de quanto foi mais acentuada outrora, sobretudo nos tempos remotos da pré-história, a sua feição lacustre e palustre, tão claramente denunciada pelas expressões: *Lago, Lagoa, Lameira, Olheiros, Atoleiros, Barreiros*.

Nada de comum, por conseguinte, entre os tais *oculi* e as *Caldas de Rendufe*. A *Oculi* corresponde o actual lugar de *Olheiros* com os seus *atoleiros* ou *lameiros* na freguesia de Rendufe; as *caldas de Rendufe* nunca foram senão em *Caldelas*, freguesia que assim é conhecida desde sempre — «de Sancto Jacobo de Caldeltas» (Inquirições).

Mas por que razão foram assim conhecidas as afamadas terras?

A explicação é bem simples, e o caso é que certas localidades, como as pessoas, tanto ganham como perdem no decurso dos tempos, motivo de circunstâncias várias e compreensíveis, o seu ascendente, projecção e vulgaridade.

Quantas não adquiriram importância amparadas noutras e depois largaram a tutela?

Rendufe e Bouro foram as localidades, mais notáveis destes sítios, sobretudo pelos seus monges e respectivos mosteiros; ainda hoje se diz *Carrazedo de Bouro*, atenta a distância, como se disse *Penagate de Bouro* (L.º Velho) sendo esta em Moure de Vila Verde.

Ponderando mais que os frades de Rendufe dedicaram especial carinho a *Caldelas*, do mesmo modo que os de Bouro se interessaram pelo Gerês, quanto é certo que aqui e ali uns e outros reconheceram pela prática os segredos e os prodígios das milagrosas «caldas».

Nem sempre a filologia se depara como sendo a melhor arte de sondar a fonte e origem dos topónimos; nem os filólogos, com o seu sistema de tudo explicar linguisticamente os melhores dotados de tacto e olfacto para tais pesquisas.

De um modo geral as 24 freguesias do actual concelho de Amares mantêm-se sob a mes-

ma invocação de orago ou padroeiro que lhes é conhecida desde tempos anteriores à própria Nacionalidade; a sua denominação vulgar, como a sua constituição, é que sofreram ligeiras alterações, sobretudo nas terras ribeirinhas ao Homem e ao Cávado:

Da heremita *Sancti Michaelis de Portu* e paróquia de *Sancto Thome d'Ansedí*, que assim se apresentam nas Inquirições de 1220 e seguintes, por anexação em data que não pode precisar-se, resultou a actual freguesia de *Proselo—Pedroseto—Peroselo* (foral) *S. Tomé*.

Semelhante e bem notável alteração se nota nas que conformaram o primitivo Couto de Rendufe, pela substituição de *Sancto Petro de Trianaa* por *S. Pedro de Barreiros*; de *Sancto Salvatore de Gandena* que, por anexação ao respectivo mosteiro (1596), deu *S. to André de Rendufe*; de *Sancto Vincentio de Randufe* que redundou na freguesia do *Bico* (S. Vicente).

A aplicação da nomenclatura toponímica verificou-se pelos modos mais naturais, espontâneos e simples; assim, quanto mais se forçar o seu estudo, tanto mais se complica e compromete a sua exactidão.

Tenha-se em conta o que se passou com aquela última, *S. Vicente de Rendufe* vulgarmente *Bico*.

Sabe-se que mais acima e na

margem oposta, do Homem, existe outra freguesia da mesma invocação e daquela se distinguia, juntando-se-lhe . . . da *Ponte de Caldeltas* ou simplesmente . . . da *Ponte*.

O nosso povo nunca perdeu o salutar costume de preferir ao nome vulgar o do orago ou padroeiro; e assim era que uma e outra se chamavam por *S. Vicente*; aqui e ali havia pontes relativamente perto; esta *S. Vicente da Ponte do Bico*, aquela *S. Vicente da Ponte de Caldeltas*, era muito arazoado . . . até que uma ficou em *Bico*, embora rigorosamente não se situe nele, e outra em *Ponte*.

Mas estes fenómenos de transição por vezes levam séculos a operar-se.

Pela mesma via de regra, topónimos há que só por feliz acaso se lhes pode atingir o princípio e razão de ser, quanto seriam indecifráveis vistos de frente.

Para exemplo *Cabadaços*, nome de lugar comum às freguesias de *Vilela e Caldeltas*.

Manuseando, para qualquer outro fim e já há muito tempo, um velhíssimo original manuscrito das Inquirições de D. Dinis, lá encontrei *Cova d'ussos* (ursos) e pode concluir-se que a topografia como a toponímia se acomodam perfeitamente.

Tudo tem os seus caprichos; a significação e razão de ser de uma boa parte dos apelativos de muitas terras prestaram-se a intermináveis discussões e pendências, em que a verdade e a rectidão, cada vez mais confundidas, só ficaram a perder na causa. D. S.

## Carta de Ateães

### QUEM RESPONDE?

Há mais de seis meses que Ateães está sem pároco, por ter sido de lá retirado o Rv. Pe. João Alves Pereira, mesmo contra a vontade da maioria dos seus paroquianos. Desde então a freguesia anseia por ser paroquiada por um novo padre, senão pelo de lá retirado.

Pela anexação da freguesia à de Freiriz, o serviço religioso passou a ser feito pela pároco desta, que não foi muito feliz em criar simpatias. Talvez por isso ou pela intransigência dos ateães em não quererem a freguesia anexada a outra e só pretenderem um padre efectivo, que não compareciam aos actos religiosos; preferindo palmilharem alguns quilómetros, por caminhos cheios de lama e irem à missa às freguesias circunvizinhas.

Ultimamente o rev. padre de Freiriz, foi desobrigado de prestar assistência religiosa em Ateães, certamente por rendição à evidência e reconhecimento da justiça das pretensões de todos. Apesar desta e outras contrariedades por que tem passado a freguesia, tem sido ordeira, intransigente e calma, perante problemas bastante delicados,

— como o ter feito funerais sem acompanhamento religioso, sem contudo haver o menor desentendimento e desrespeito pelas coisas religiosas.

Ateães vive e sofre em silêncio—resignada, a freguesia espera na convicção de que melhores dias hão-de chegar.

A Igreja parece atravessar a mesma crise—está a tornar-se também triste, pelo enegrecimento exterior das paredes, portas e janelas, que lhe dão um aspecto de luto. Ela também espera por um Zelador que cuide de si com carinho e desvelo. Também sofre sem ter culpas, em perfeita equanimidade com a freguesia.

Que mal fez a freguesia para ser assim esquecida ou mesmo desprezada? Não são justas as suas inspirações—de querer o «seu» pároco ou mesmo outro mas efectivo? Não será ainda do conhecimento das entidades religiosas da Diocese, a justiça das pretensões da boa gente de Ateães?

Pergunta-se ainda:

Continuará a ser negado padre à ordeira freguesia de Ateães?

Quem responde?

Ateães, 25/1/1957  
ESPA.

## Desporto

(Continuação da 5.ª página)

rado predominavam intensamente neste prélio.

Nova fuga no último minuto, sendo Peixoto derrubado (arma da defesa local) à entrada da área de rigor, falta que o árbitro mandou apontar e que seria a nossa última esperança.

Peixoto foi chamado a apontar, tendo os defensores locais formado barreira e, picando a bola inteligentemente, fez com que ela entrasse fulminantemente num ângulo da baliza.

Logo a seguir o árbitro deu por terminado o encontro. A satisfação era notória nos jogadores e, nos seus adeptos uma alegria invulgar após alguns minutos de sofrimento.

O resultado não traduz o desenrolar do encontro. Vitória justa da Feira Nova seria por quatro bolas de diferença.

Na V.A.M., grupo com alguns elementos de certa idade, jogaram com garra, tendo-se destacado o seu guarda-redes com boas paradas e o centro dianteiro que era o visitado mais perigoso.

No Feira Nova salientaram-se Veloso que foi o melhor elemento em campo; Peixoto

realizou um encontro que já há algumas épocas não fazia com tão alto acerto; Jaime, Dourado e Ribeiro, actuaram como sempre com autoridade dentro do terreno, especialmente o primeiro, que na defesa actuou a grande altura; Almeida, Macedo e Raúl cumpriram, tendo o último sido muito mal servido; Luis destoou novamente e Cândido continua a actuar com muito acerto, fazendo mesmo uma boa partida, sendo bastante oportuno no golo apontado.

A arbitragem esteve dentro do nível médio. No início cortou três avançadas perigosas aos visitantes por supostos «off-sides».

Ao principiar na segunda volta, os grupos ocupam os seguintes lugares na classificação:

1.º Prado	12 pontos
2.º Feira Nova	11 »
3.º Real	11 »
4.º Merelim	10 »
5.º Tadim	9 »
6.º V. A. M.	7 »

Para domingo os desafios são os seguintes:

Prado-Feira Nova; Tadim-Merelim; Real-V.A.M..

Da Feira Nova desloca-se uma grande falange de apoio a Prado, onde se realizará o jogo de maior emoção da jornada e talvez do Campeonato. É dever de todos os desportistas bairristas acompanhar, o grupo da nossa terra que tão brilhantemente nos tem representado.

Bilhetes à venda para as camionetas, na Papelaria «A Modelar» e nos Armazéns da Feira.

**TODOS A PRADO**, pois, se vencermos passaremos ao 1.º lugar.

A. A.

Visado pela censura

## ALFAIATARIA "BELCORTE."

DE

José Eduardo Macedo Gonçalves

Confeciona fatos para HOMEM, SENHORA e CRIANÇA  
CORTE ESMERADO e ÓPTIMOS ACABAMENTOS

PREÇOS MÓDICOS

Não se esqueça: ALFAIATARIA "BELCORTE,"

LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR — AMARES

Assine e divulgue

A "TRIBUNA LIVRE"

# Tribuna Desportiva

## Campeonato de Futebol da F.N.A.T.

### Casa do Povo da Feira Nova - 2

### Grupo Desportivo da V.A.M. - 1

No passado domingo, disputou-se a última jornada da 1.ª volta do Campeonato de Futebol da F.N.A.T. com os seguintes desafios:—Feira Nova-2-V.A.M.-1; Merelim-2 Prado-2; Real-2 Tadm-1.

A prova entrou agora no momento mais emocionante, cotando-se todos os concorrentes, com excepção da V.A.M., como sérios candidatos aos dois primeiros postos que, darão direito a disputar a final distrital, juntamente com os dois primeiros da 2.ª série.

O Merelim com o empate frente ao Prado e os resultados já alcançados está dando boa conta de si, enquanto o Real e o Tadm que seguem de perto os postos cimeiros têm uma tarefa mais dificultada que os restantes favoritos.

Prado e o Feira Nova entram no segundo período da prova nos primeiros postos, tudo levando a crer que serão os dois apurados desta série e o último provavelmente será a V.A.M..

No desafio disputado no campo da Ponte, da cidade de Braga, recinto onde representantes da Feira Nova nunca conhe-

ram a amargura da derrota, defrontaram-se os grupos da Casa do Povo da Feira Nova e do Grupo Desportivo da V.A.M..

O Feira Nova alinhou:—Herculano; Almeida, Jaime (cap.) e Macedo; Veloso e Ribeiro; Luiz, Dourado, Raúl, Peixoto e Candido.

Logo nos primeiros minutos a defesa da V.A.M., veu-se em sérios embaraços para evitar que fosse desfeiteada pela velocidade dos avançados da Feira Nova.

Aos oito minutos de jogo, numa jogada bem delineada pelos avançados do grupo visitante, a bola rondou a baliza e Candido numa entrada oportuna marcou o 1.º golo da Feira Nova e do desafio.

Cedo de mais o onze da Feira Nova pensou em dar "baile"; observaram-se jogadadas que percorriam o campo todo, sem que algum elemento da V.A.M. lhe tocasse e que não alteraram o resultado por manifesta infelicidade dos dianteiros do grupo visitante.

Durante os primeiros 45 minutos, a Feira Nova dominou completamente o adversário, vendo-se constantemente os seus defensores para além e no centro do terreno.

De vez enquanto os visitantes formavam contra-ataques que iam até à defensiva Feiranovense, onde eram anulados pela decidida intervenção de Jaime e dos certos defesas laterais.

Num destes contra-ataques e contra a corrente do jogo o extremo esquerdo visitado aproveitou uma pequena falha de Almeida tendo rematado à baliza e, Herculano defendido, para simultaneamente deixar escapar a bola. Estava feito o empate e com o qual terminou a 1.ª parte, apesar do intenso domínio até aí exercido pela Feira Nova.

Na segunda parte os visitantes voltaram a comandar a partida, tendo a partir do quarto de hora a V.A.M. equilibrado a pugna.

O resultado parecia estar feito, mas não certo; quando se caminhava para a meia hora da segunda parte viu-se as barras defender dois remates:—um de Dourado e outro do centro-dian-teiro visitado.

Entrou-se no último quarto de hora e a infelicidade continuava a perseguir os rematadores da Feira Nova, então novamente a exercer intenso domínio.

Peixoto e Dourado organizavam jogadas que criavam calafrios à V.A.M., mas não resultavam.

Numa delas, Raúl foi servido excelentemente por Peixoto e quando se preparava para fulminar as redes foi derrubado barbaramente pela defesa central local, mesmo sobre a linha da grande área.

A falta traduzida num livre (1) passou por cima da barra.

Entrou-se nos últimos minutos, altura em que a acção de Veloso, Peixoto, Jaime e Dou-

(Continua na 4.ª página)

## Album de coisas várias

Eu tinha planeado escrever hoje sobre o Egipto e as Pirâmides. Um assunto interessante que desde há muito vem merecendo a minha atenção. Mas isso tem que ficar para outra vez, porque não quero deixar de me referir a coisas que se verificaram na semana finda e me obrigam a alguns comentários.

\* \* \*

É bastante ingrata a missão daqueles que escrevem nos jornais. Especialmente daqueles que, de qualquer forma, exercem uma actividade de crítica. Quem é criticado julga-se, quase sempre, vítima de injustiças. Mas nem sempre o que critica pretende ser injusto. No jornalismo, o crítico, quando sincero e audaz, quando inteligente e independente, é geralmente tido e havido ou como um pretensioso ou como um *doente*, um ser à parte no tecido homogéneo das conveniências e dos comparoquianismos. Mas o jornalista, o crítico, o observador atento e sincero deve, quanto possível, não calar a sua voz e não temer as ameaças que lhe possam advir por parte daqueles que se julgam no direito de não serem criticados.

\* \* \*

No nosso jornalismo desportivo, ultimamente, este problema tem-se imposto de maneira desastrosa e pouco recomendável. Temos pela imprensa desportiva o maior

respeito e dedicação, até porque nela possuímos uma identidade, uma presença. Ainda está bem fresco o espectacular caso de Eduardo Soares—"Norte Desportivo", por motivo das atitudes tomadas por um treinador brasileiro, hoje ausente de Portugal. Mais recente ainda o desforço que o seleccionador da equipa nacional quis tirar perante a crítica que se fez, directa e objectivamente, à actuação do nosso onze no último jogo realizado contra a Irlanda.

Tavares da Silva pode ter razão, e direitos lhe assistem a uma defesa e retratação. Mas fê-lo de maneira bastante baixa. O seu furibundo ataque a Alfredo Fari-nha, especialmente, não se compreende nem pode receber o menor aplauso ou consentimento do mais humilde e dedicado leitor do jornal no qual procurou responder às críticas recebidas.

Pasmamos e lemos e quase que não acreditamos que tal maneira de proceder pudesse alguma vez ter arraiais no jornalismo desportivo português. Aquilo só deslustra, verdadeiramente, a personalidade do nosso seleccionador.

\* \* \*

Conhecemos Alfredo Fari-nha. Com ele convivemos, pessoalmente, durante alguns dias nesta cidade. É um novo de forte e vincada perso-

(Continua na 6.ª página)

Folhetim da "Tribuna Livre,, 6

# SEMPRE NOIVOS

(Recordação do Minho—Usos e costumes)

Por Porfírio de Sousa

—Lá vi alguns!...

—Então não descures o assunto para não veres mais um...

—É possível que a encontre...

—Só se for um encontro prepositado: se estás à espera que o acaso te propoçione podes ficar a chochar nos dedos...

—Às vezes posso vê-la mais depressa do que se julga e... espera!

—Sim! Há coincidências levadas da breca, que até parecem prepositadas, como, por exemplo, agora!

Falai no mau e aparelhai o pau...

Ela aí vem para a missa!

—Como vê... para a encontrar não tive necessidade de a procurar!

—Sei lá, rapaz!

Naturalmente não foi o acaso que te trouxe hoje à missa da manhã mas, segundo desconfio, o desejo de te fazeres encontrado com ela, pois tu sabes, desde há muito, que é esta a sua missa predilecta!

—Mudemos agora de conversa senão é capaz de perceber que estávamos a falar dela!

—Pois mudemos...

Então quanto tempo estiveste lá fora?

—Três anos.

—Como o tempo passa; parece que ainda foi na semana passada que deixaste esta aldeia.

—Para si, sr. Manuel, mas para mim esses três anos pareceram-me três séculos!

Quando o grupo de raparigas se aproximava, o Manuel do Salgueiral despediu-se do José para o deixar mais à vontade.

A Maria Teresa, acompanhada de outras pequenas, subia a escada que dava acesso da estrada ao adro da igreja.

Quando deu com a vista no filho mais novo de Policarpo do Oureiro, cumprimentou-o com um dos mais lindos sorrisos!

—Bom dia, José.

—Bom dia, menina Maria Teresa e... bons olhos a vejam!

—Obrigada!

Então quando veio?

—Já vim há tempos.

—E veio de vez?

—Sim, felizmente, de vez.

—Então não se deu bem lá por essas terras, por essa grande Lisboa?

—Dei, mas prefiro viver na minha terra, com os meus.

—Agora o que deve pensar é em casar, seguir o exemplo de seus irmãos e irmãs.

—Antes de pensar em casar devo primeiro descobrir a pequena que me queira!

—Pequenas não lhe faltam; queira você que o que lhe há-de dar trabalho é escolher, visto haver muitas e quase todas na primavera da vida.

—E, não obstante, tenho receio...

—De quê?...

—De escolher uma... e ela, depois, dizer-me que não!

—Pode ser, mas não acredito!...

—Tal é a confiança que tem nas pequenas da sua idade?!...

—Confiança, confiança, não digo, pois pode haver uma ou outra que divirja da minha opinião e logo, por azar, podia ser que você escolhesse uma dessas...

—Quer dizer...

—Que regra geral todas estão ansiosas por casar, mas a verdade é que eu só respondo por mim...

O sino, repicando para a missa, interrompeu o diálogo entre a Maria Teresa e o José e este ficou com bastante pena, pois estava a encaminhar a conversa, com certa habilidade, para o ponto que desejava.

—Vamos embora, senão o sr. abade principia a missa e não espera por nós—disse, a rir, a alegre rapariga.

—E no fim da missa posso esperá-la e acompanhá-la até sua casa?—perguntou o pretendente a namorado.

(Continua)

# MONOGRAFIA DO CONCELHO

Continuação da 1.ª página

Mem Rodrigues de Vasconcelos respondeu que nada disso era satisfação para tamanho agravo, no entanto, continuou a servi-lo como excelente vassallo.

A filha do Condestável, que também era D. Beatriz, veio a casar com o dito infante D. Afonso, filho de D. João I; neles teve início a gloriosa Casa de Bragança.

Mem Rodrigues assim se deixou sacrificar aos primórdios da Aliança Inglesa.

Ficou solteiro como seu irmão Rui Mendes, mas ambos deixaram filhos que D. João I mandou legitimar.

\* \* \*

Ao curto reinado de D. Duarte sucederam-se os acontecimentos que levaram ao trágico desenlace de Alfarrubeira.

Entretanto, levanta-se aqui o vulto varonil de uma dama D. Maria de Vasconcelos, ao de cima da contenda em que se debateu o pleito da Regência.

Enquanto o povo da Capital pugnavia pelo infante D. Pedro, tinha a rainha viúva D. Leonor, como seu mais dedicado partidário, o alcaide-mór D. Afonso de Cascais, neto de D. Pedro e de D. Inês de Castro, cuja esposa era aquela D. Maria de Vasconcelos, filha de João Mendes e da irmã do Condestável.

Tratava-se de obrigar o castelo à rendição e a valorosa dama algumas vezes saiu por entre o alvorço do povo a parlamentar com o Regente, que lhe pedia convencesse o marido e o filho a entregarem o Castelo.

D. Maria de Vasconcelos portou-se com valor e aprumo em tais apuros, mas tudo foi inútil, que só capitulou pela força das circunstâncias.

Vêm as gloriosas campanhas de África; e Afonso de Vasconcelos, o futuro conde de Peneda, acompanha o segundo duque de Bragança (o malogrado D. Fernando) por terras de África desde Alcácer às portas de Tânger, praticando heroísmos e participando nas correrias de D. Afonso V, que prepararam a conquista de Arzila.

Em 1462 organizou-se nova expedição, de gente escolhida, para conquistar Tânger; o seu comando foi confiado a Luis Mendes de Vasconcelos.

É que os de Vasconcelos, se haviam dado provas de bravura e competência na chefia dos exércitos de terra, revelavam-na igualmente nas armadas do mar.

Uma tempestade obrigou-os a conservarem-se em Ceuta, donde el-rei D. Afonso V empreendeu uma entrada tão imprudente por terra de mouros, que foi cercado e por lá teria ficado, se não fossem as proesas praticadas pelo general da armada, o mesmo Luis Mendes de Vasconcelos, por Duarte de Menezes e outros que, para salvar a vida do rei, sacrificaram a própria, protegendo-lhe a retirada com excessos de extrema dedicação.

João Rodrigues de Vasconcelos, que serviu em todas as guerras de África, encontrando-se como governador e capitão-general de Ceuta, deixa em seu lugar seu filho Rui Mendes de Vasconcelos, 2.º deste nome e daquele 1.º descendente, para vir tomar parte na campanha de Toro.

Como andava em guerra com Portugal, Fernando o Católico mandou então cercar Ceuta por mar, enquanto o rei de Tez atacava por terra.

Bem insistiu o castelhano para que Rui Mendes lhe entregasse a praça, com a promessa que o faria um dos maiores senhores do seu reino.

A resposta do jovem governador foi «que muito se espantava que um tão alto e virtuoso Príncipe persuadisse a cavaleiro que fosse traidor a seu Rei...»

Foi irmão do arcebispo de Braga, D. Diogo. O já referido Afonso de Vasconcelos, conde de Peneda, é outro dos valorosos capitães do exército de Toro onde se impõe à admiração dos próprios inimigos; regressou a Portugal na companhia do futuro D. João II que decididamente havia triunfado contra D. Fernando de Castela no cálculo dos resultados daquela batalha.

João de Vasconcelos, 2.º conde de Peneda, encontra-se, entre nobres personagens, à cabeceira do leito de morte de D. João II.

Aquele 2.º Rui Mendes de Vasconcelos, faz parte do luzido séquito que acompanha para Saboia a infanta D. Beatriz, filha do Rei «Venturoso».

Neste mesmo reinado, Rodrigo de Vasconcelos, com o capitão de Arzila, João de Menezes, combate furiosamente os moiros junto de Alcácer-Kebir.

Em 1512, João Mendes de Vasconcelos, 2.º deste nome, desempenha, como embaixador de D. Manuel, importantíssima missão na contenda da demarcação das conquistas e descobrimentos entre Portugal e Castela.

Francisco Mendes de Vasconcelos, que viveu na mesma corte, escreve poesias inseridas no Cancioneiro de Resende.

Continua no próximo número

## Tribuna de Vila Verde

### Jantar de Homenagem

—Está constituída uma grande Comissão Promotora para levar a efeito, no próximo mês de Fevereiro um banquete de homenagem ao Presidente da Câmara deste concelho Ex.º Sr. Dr. António Santos Ferreira, pela recondução deste Magistrado no lugar de Presidente do nosso Município, onde, com inteligência, saber, e tacto político se tem imposto ao respeito dos seus munícipes. A comissão ficou assim constituída:

Dr. João Gonçalves Dias—Juiz, de Direito; Cónego Domingos Peixoto da C. e Silva, pelo clero do Concelho; Dr. Alexandre Herculano Martins

### Album de coisas várias

(Continuação da 5.ª página)

nalidade no panorama jornalístico. Sabemos da sua integridade profissional, se assim nos podemos exprimir. Camarada, inteligente, conhece bem o terreno que pisa. As cores com que o pintaram, cremos, não lhe macularão as fimbrias da sua bem delineada actividade jornalística, que ele adora e serve honestamente. Sabemos que é assim.

Eu gostaria de o ver atacado com inteligência, com ideias, com pensamentos nobres e dignos. Não com afrontas e linguajar mesquinho. Pode-se ser nobre e digno na luta ou na defesa de princípios severamente criticados ou injustamente julgados. O que é desprezível é toda uma defesa que actua pelos processos postos na luta por Tavares da Silva que, para além de tudo, continuamos a respeitar, também.

Só lamentamos que tenha procedido como procedeu, ele que também é jornalista e jornalista competente e brilhante. Devia pôr em luta, somente, o brilho da sua inteligência e a claridade do seu talento.

\* \* \*

Haja calma e serenidade. Acima de tudo bom-senso. É mais que tudo ainda dignidade e moral. Os que escrevem nos jornais devem de criticar e serem criticados com elevação de pensamentos e nobreza de ideias, e não como tem acontecido: lavagem de roupa suja e, o que mais confrange, com mentiras.

Já uma vez também de igual modo nos pintaram: com mentiras, mentiras torpes!

Agente-se, Alfredo Farinha! Nós também nos aguentamos. E continue sereno e calmo.

J.M.(J.)

Costa, Delegado do Procurador da República; Dr. Francisco António Gonçalves, Presidente da União Nacional, Dr. Bernardo de Brito Ferreira, Provedor da Santa Casa da Misericórdia; Dr. António Ribeiro Guimarães, Sub-Delegado de saúde; Dr. Mário José Lopes de Carvalho, Director da Secretaria Notarial; Dr. Larmatine Dias, Conservador do Registo Predial; Dr. Adelino Martins Aires, Conservador do Registo Civil; Abel Rodrigues de Sousa Gama, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal; António Anselmo Soares, Chefe da Secretaria Judicial; Nelson Cardoso Pereira, Chefe da Secção de Finanças; Mário Bancelar Alves, Gerente do Grémio da Lavoura; Alvaro Monteiro, Tesoureiro da Fazenda Pública.

### Salão dos Pobres

No passado Domingo, dia 27, foi inaugurado o salão onde será distribuída a sopa dos pobres da freguesia e que tam-

bém serve de Lactário.

Estiveram presentes os Ex.ºs Srs. Juiz de Direito da comarca, e Delegado do Ministério Público.

### 25 anos ao serviço da Câmara Municipal

Ao serviço da Câmara Municipal de Vila Verde, completou 25 anos, no dia 11 do corrente, o nosso particular amigo Abel Rodrigues de Sousa Gama. Por este motivo, foi-lhe prestada homenagem por todos os funcionários deste concelho que lhe ofereceram um estójo com caneta e lapiseira, Parker, como prova de muita estima e amizade, pela forma que o sr. Abel Gama vem desempenhando o seu lugar com zelo, inteligência e boa camaradagem.

Tribuna de Vila Verde, não assistiu a esta espontânea homenagem; mais aproveitou a ocasião de felicitar o sr. Abel Gama, pelos seus árduos 25 anos de trabalho, fazendo votos pela sua saúde para que atinja a reforma sempre em boa forma e com acerto. E nós, como velhos amigos, um grande abraço de felicitações. D.

## PARADELA DO RIO DIZ:

—Que tem aumentado o número de assinantes e de leitores da «Tribuna Livre». E dissemos de assinantes e de leitores, porque nem todos os assinantes se prendem com a leitura... nem todos os leitores se prendem à assinatura...

—Que se fala numa Festa de Carnaval, oferecida pelo C.A.T. do Pessoal da HICA (Delegação de Paradelas) aos seus sócios e famílias destes.

Achamos genial a ideia e aguardamos o bom êxito da mesma. E' já um novo passo na carreira deste Organismo.

—Que há quem veja na «Tribuna Livre» um autêntico *armazem de carapuços*—quando ninguém pode afirmar que os seus redactores sejam mestres dessa arte... Caramba, Senhores, que já é vontade de as enterrar bem pelas orelhas abaixo!...—Pois seja feita a vossa vontade assim no medo como na necessidade!...

—Que, numa conjugação de esforços bem digna de inteiro aplauso e do melhor êxito, vai principiar uma série de Conferências sobre «Segurança no trabalho». A abertura foi feita pelo Exmo. En-

genheiro Residente destas Obras, António de Menezes e Vasconcelos, no salão de Cinema, perante numerosa assistência.

A Comissão de Segurança tem já demonstrado os frutos da sua existência, pois o número de acidentes no trabalho diminuiu consideravelmente.

Os ensinamentos que se podem colher de tais palestras—feitas por verdadeiras autoridades no assunto e acompanhadas de gráficos e projecções—a todos interessam. De facto, no dizer de S'a Ex.ª o senhor Engenheiro Vasconcelos, «o acidente não escolhe categorias nem ocasiões, nem profissões».

—Que os Serviços de Fiscalização de Géneros Alimentícios bem podiam dar uns «passeios» por cá... O pão que tanto custa a ganhar, por vezes não custa menos a tragar! E quem diz pão, diz tudo.

E por hoje só «diz» isto a voz de

Paradela do Rio, Fevereiro de 1957.

B. Ribeiro

## Relojoaria Maurício Queiroz

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género.

Completo sortido de relógios das melhores marcas.

R. D. Frei Caetano Brandão Telefone 2526 BRAGA